EDITORIAL

Este dossiê reúne pesquisas que, por diferentes caminhos, enfrentam uma urgência comum: pensar historicamente as catástrofes ambientais, os conflitos em torno da natureza e os modos pelos quais o humano, o Estado, a técnica e o capital reorganizam vidas, territórios e sensibilidades. Entre historiografia, mineração, políticas hídricas, educação ambiental, música, medicina, moda, tradução, resenha, entrevista e ensaio visual, o conjunto reafirma a potência da História Ambiental como campo plural, crítico e aberto a outras epistemologias.

Organizamos o dossiê em sessões. Na **Sessão Historiografia**, os textos percorrem debates fundamentais para a compreensão do presente. O Antropoceno, as cosmopolíticas da natureza, a ecologia política, os desastres socioambientais, a fome, a educação ambiental, a governança climática, a intervenção estatal sobre as águas e os regimes de exceção aparecem como entradas analíticas para compreender a densidade histórica das crises contemporâneas. Em todos esses trabalhos, a natureza deixa de ocupar o lugar de pano de fundo e passa a ser tratada como dimensão histórica, política, jurídica e sensível. Os trabalhos reunidos nesta seção evidenciam a vitalidade e a amplitude da historiografia contemporânea, especialmente no diálogo com as questões socioambientais. Ao mobilizar diferentes referenciais teóricos e metodológicos, os artigos aqui apresentados tensionam categorias clássicas da disciplina histórica e ampliam o campo de investigação para além de suas fronteiras tradicionais.

Observa-se um esforço consistente em articular história, política, cultura e poder, com especial atenção às transformações conceituais que emergem diante dos desafios do Antropoceno e das novas epistemologias que atravessam o campo. Nesse sentido, a historiografia é compreendida não apenas como reflexão sobre a escrita da história, mas como prática crítica capaz de intervir nos debates contemporâneos, revisitando conceitos como natureza, desastre, desenvolvimento e crise - movimento que se inscreve de forma decisiva no campo da História Ambiental. A seção, portanto, convida o leitor a reconhecer a historiografia como um espaço dinâmico de produção de conhecimento, marcado pela pluralidade de abordagens e pelo compromisso com análises e críticas das relações entre sociedade e ambiente ao longo do tempo.

Na **Sessão Natureza[s]**, os artigos se voltam para experiências concretas, materiais e territorializadas. A mineração, a ferrovia, a música pesada, a medicina medieval, a indústria da moda e o desastre da Barragem de Fundão tornam-se vias de leitura para processos de exploração, devastação, memória, resistência e reelaboração crítica. O plural presente no título da sessão indica, precisamente, a recusa de uma natureza única, homogênea e abstrata, afirmando, em seu lugar,

naturezas múltiplas, disputadas e historicamente produzidas.

A **Sessão Temática Livre** amplia esse horizonte ao trazer uma reflexão sobre o ensino de Geografia e meio ambiente, reafirmando a centralidade da formação crítica no enfrentamento das questões ecológicas. Já a **Sessão Tradução**, a **Sessão Resenha**, a **Sessão Entrevista** e o **Ensaio Visual** expandem o dossiê para além do artigo acadêmico tradicional, incorporando léxicos filosóficos, vozes indígenas, práticas pedagógicas e sensibilidades visuais. O resultado é um número que não apenas analisa catástrofes, mas também busca produzir outras formas de leitura, escuta e imaginação histórica diante das ruínas e disputas do nosso tempo.

A seção Natureza[s] reúne trabalhos que exploram, de forma plural e interdisciplinar, as múltiplas formas de relação entre sociedades humanas e o mundo natural, tensionando dicotomias clássicas. Ao adotar novas epistemologias e sensibilidades ambientais, afirma-se a recusa de uma concepção antropocêntrica, única e universal de natureza, abrindo espaço para diferentes experiências, cosmologias e historicidades.

Os artigos aqui apresentados abordam temas como mineração, catástrofes, educação ambiental, conflitos territoriais e saberes tradicionais, evidenciando como a natureza é constantemente produzida, disputada e significada em contextos históricos específicos. Destaca-se, ainda, a presença de vozes e perspectivas que tensionam visões hegemônicas.

Nesse sentido, a seção Natureza[s] insere-se nas renovadas epistemologias da História Ambiental ao deslocar o olhar histórico para além de perspectivas antropocêntricas e ao incorporar múltiplos regimes de conhecimento - científicos, tradicionais e sensíveis. Trata-se de reconhecer a produção histórica como atravessada por diferentes formas de saber e de relação com o mundo, ampliando o campo disciplinar e reafirmando seu compromisso com interpretações críticas, plurais e situadas das interações entre vidas e modos de viver.

SUMÁRIO

Sessão Historiografia

Desnaturalizando uma única natureza: percursos para pensar o Antropoceno e as políticas climáticas
QUEITON CARMO
16–33
O artigo problematiza os sentidos homogêneos de "natureza" presentes nos primeiros relatórios climáticos globais, especialmente no âmbito do IPCC. Ao discutir o Antropoceno, propõe uma crítica à política de unificação da natureza inscrita nesses documentos. Em contraposição, defende modos cosmopolíticos de escrever a história e pensar as políticas climáticas.

A gênese da Ecologia Política como campo de investigação eco-disciplinar: entre os nós de cultura/poder/história/natureza
MATHEUS HENRIQUE DA MOTA FERREIRA
34–56
O texto reconstrói a formação da ecologia política como campo interdisciplinar voltado à problematização das relações entre cultura e natureza. A partir de Aletta Biersack e Anna Tsing, apresenta sua genealogia teórica e seus principais entroncamentos disciplinares. Com isso, evidencia a ecologia política como espaço acadêmico-militante decisivo para pensar as catástrofes do presente.

O conceito de Desastres Socioambientais à luz do Antropoceno: contribuições da História Ambiental
ALFREDO RICARDO SILVA LOPES; EUNICE SUELI NODARI
57–86
O artigo analisa os usos do conceito de desastres socioambientais em teses, dissertações e artigos publicados no Brasil. O levantamento evidencia seu crescimento, seu caráter interdisciplinar e a ainda limitada problematização conceitual em parte da produção. À luz do Antropoceno, o texto amplia a discussão sobre responsabilidade humana e aceleração histórica nos desastres.

Fomes, catástrofes e poéticas da Terra: uma perspectiva interdisciplinar da História Ambiental entre crise e resistência
HÉLIO JOSÉ SANTOS MAIA; URÂNIA MAIA
87–109
Este artigo interpreta a fome como expressão histórica e ambiental de catástrofes produzidas por ações humanas. Articulando História Ambiental, ecocrítica e epistemologias ecológicas, examina episódios emblemáticos e suas representações artísticas. Ao destacar a obra de Elomar e a "seca de noventinha", evidencia a relação entre escassez, arte, memória e resistência.

Educação Ambiental como Prática de Resistência: trajetórias históricas, marcos políticos e perspectivas críticas
FERNANDO CARLOS ALVES DA SILVA
110–125
O texto revisita os principais marcos históricos, jurídicos e políticos da Educação Ambiental no mundo e no Brasil. Ao percorrer legislações e diretrizes, mostra sua consolidação como campo formativo voltado à cidadania e à crítica social. Conclui defendendo a Educação Ambiental Crítica como ferramenta essencial frente à crise contemporânea.

A evolução das normas internacionais de proteção ambiental e climática: desafios contemporâneos e perspectivas para a governança global
ULIANA HELENA MENGARDA; SABRINA LEHNEN STOLL; PAULO JÚNIOR

TRINDADE DOS SANTOS
126–147
O artigo examina a trajetória das normas internacionais de proteção ambiental e climática desde a criação da ONU. Mapeia conferências, tratados e mudanças legislativas, destacando avanços e limites da cooperação global. Ao final, discute os desafios contemporâneos da implementação e aponta caminhos para fortalecer a governança climática.

Fronteiras Hídricas e Exclusão Ecológico-Distributiva: uma leitura da intervenção estatal no Meio-Norte piauiense (1964–1985)
LUCAS RAMYRO GOMES DE BRITO; FRANCISCO RAIRAN DOS SANTOS VILANOVA; CRISTIANA COSTA DA ROCHA
148–170
A pesquisa analisa a atuação do DNOCS no Meio-Norte piauiense entre 1964 e 1985. Inspirado na ecologia política e em Edward P. Thompson, o texto evidencia processos de disciplinamento territorial e exclusão ecológico-distributiva. Mostra como a retórica da modernização hídrica funcionou como instrumento de poder e silenciamento.

Catástrofe e estado de exceção: a soberania ambiental entre a suspensão da norma e a consolidação da excepcionalidade jurídica
WILSON FRANCK JUNIOR; CECÍLIA; DANILO RAFAEL DA SILVA MERGULHÃO
171–198
O artigo propõe uma leitura crítico-teórica da gestão das catástrofes ambientais no Brasil a partir da teoria do estado de exceção. Com base em Schmitt, Agamben e Girard, analisa como a emergência ambiental tem legitimado a suspensão da normatividade. Os casos de Mariana, Brumadinho e Rio Grande do Sul/2024 sustentam a hipótese de uma exceção ambiental estruturante.

Sessão Natureza[s]

Mineração e justiça nas águas de Itaú de Minas (2004–2017)
GUSTAVO FERNANDES DOMINGUES
199–223
O texto revisita a história da fábrica de cimento em Itaú de Minas a partir de seus custos socioambientais, frequentemente apagados pela memória oficial. Com base em processos do Ministério Público, investiga conflitos envolvendo águas e crimes ambientais no município. Assim, propõe uma leitura crítica da relação entre mineração, justiça, sociedade e formas de vida locais.

Retalhos do passado: a cidade de Campina Grande como centro de análise e processamento mineral
MATHEUS HENRIQUE DA SILVA ALCÂNTARA; JOSÉ OTÁVIO AGUIAR; VIVIANE FARIAS SILVA
224–242
O artigo examina o papel de Campina Grande no circuito mineral da Província Pegmatítica Borborema-Seridó durante a Segunda Guerra Mundial. Destaca a instalação do laboratório do DNPM e suas implicações econômicas, políticas e ambientais para a região. Sob a perspectiva da História Ambiental, evidencia os atores e interesses envolvidos na exploração mineral.

Lenha e água, o cardápio das locomotivas: a ferrovia em Diamantina e os seus impactos
RAMON FELIPHE SOUZA
243–269
A pesquisa analisa o ramal ferroviário de Diamantina e seus impactos ambientais e espaciais no norte de Minas Gerais. Mostra como a modernização ferroviária implicou desmatamento, consumo intensivo de água e reorganização da paisagem regional. Ao cruzar jornais e relatórios ferroviários,

apresenta a natureza como protagonista desse processo histórico.

Do alerta ao ataque: ecologia, radiação e "guerra nuclear" na música pesada (1980s–2010s)
JORGE TIBILLETTI DE LARA
270–291
O artigo investiga a presença dos temas da energia nuclear, da radiação e da guerra nuclear na música pesada entre as décadas de 1980 e 2010. A análise percorre diferentes subgêneros do metal, observando como tais imagens foram apropriadas estética e politicamente. Com isso, evidencia a música pesada como espaço de formulação de sensibilidades ecológicas e visões de extinção.

Corpo, natureza e cura: uma História Ambiental da medicina na Idade Média a partir de Henri de Mondeville
MAURICIO RIBEIRO DAMACENO
292–315
O texto explora as relações entre medicina, cirurgia e meio ambiente na Idade Média a partir da obra de Henri de Mondeville. Destaca fatores como clima, ar, água, solo e ritmos sazonais como elementos centrais para a saúde e os tratamentos. Assim, mostra como o corpo humano era pensado em profunda articulação com o mundo natural.

Roupa combina com catástrofe: reflexões sobre a indústria da moda por meio de seus processos históricos
MIGUEL LUCIO DOS REIS
316–335

O artigo discute a indústria da moda a partir de seus processos históricos de aceleração produtiva e expansão do fast fashion. Reflete sobre trabalho, território, gênero, raça e violências múltiplas implicadas na cadeia produtiva contemporânea. Ao fazê-lo, interpreta a moda como espaço de catástrofes localizadas e desigualdades estruturais no Sul Global.

Overview sobre o rompimento da Barragem de Fundão: desafios e possibilidades
GUILHERME JOSÉ PEREIRA; ALAIUTO
336-359
O artigo analisa a produção científica sobre o rompimento da Barragem de Fundão entre 2015 e 2025, com base em artigos indexados na Scopus. Os dados revelam crescimento do interesse acadêmico, concentração institucional de pesquisas e consolidação do tema no campo científico. O estudo destaca a importância desse acúmulo de conhecimento para prevenir novos desastres e fortalecer a gestão sustentável da mineração.

Sessão Temática Livre

Ensino de Geografia e Meio Ambiente: o estado do conhecimento das produções acadêmicas (2020–2024)
CARLOS ROBERTO NEVES CHIARADIA; LAURA DE OLIVEIRA; JULIANO HENRIQUE XAVIER CAVALCANTI; JEANE MEDEIROS SILVA
360-373
O estudo realiza um levantamento das produções acadêmicas sobre Ensino de Geografia e Meio Ambiente entre 2020 e 2024. A análise evidencia críticas às abordagens fragmentadas e tecnicistas do tema ambiental em materiais e práticas escolares. Os autores defendem uma educação geográfica crítica, situada e articulada às realidades socioambientais dos estudantes.

Tradução

O conceito de *phýsis* ao longo da história: filosofia e reflexões ambientais

TIAGO JOSÉ QUADROS PEREIRA
374-382
O texto retoma a historicidade do conceito de *phýsis*, ressaltando sua pluralidade de sentidos na tradição filosófica. Ao aproximar Antiguidade e crise ecológica contemporânea, discute a tensão entre ordem natural e imposição humana de normas. A tradução amplia o debate ambiental ao oferecer uma base conceitual e filosófica para pensar natureza, linguagem e destruição.

Entrevista

SANDRA ALVES REIS DE QUEIROZ
Entrevista conduzida por **Douglas Felipe Gonçalves de Almeida**
383-386
A entrevista aborda a educação ambiental como prática de sensibilidade, pertencimento e formação ética em tempos de crise. Nas respostas, Sandra Alves Reis de Queiroz articula escola, território, escuta, cuidado e construção de sentidos ambientais. O conjunto reafirma o espaço escolar como lugar de resistência, reencontro com a terra e produção de vínculos com a vida.

Artigo... ou Interlúdio?
Palavras sensíveis ao vento
DOUGLAS FELIPE GONÇALVES DE ALMEIDA
387-391
Entre ruínas e frestas, este interlúdio interrompe a cadência ordinária do dossiê para abrir um campo de respiração, suspensão e deslocamento. Trata-se de um texto que enfrenta as linguagens da devastação e os regimes que normalizam a catástrofe, estabelecendo frestas como espaço de sensibilidade, crítica e reinscrição do vivo. Nas ruínas do mundo palavreado, o interlúdio afirma que ainda há palavras capazes de afetar, tensionar a ordem e reacender outras formas de sentir, pensar e habitar.

Ensaio Visual

Coletas de Depois
TAMIRIS VAZ
392-402
O ensaio visual transforma ruínas, restos urbanos e vestígios cotidianos em matéria poética e crítica. Ao recolher "depois", a artista compõe uma reflexão sensível sobre abandono, memória, lentidão e permanência. As imagens e textos do ensaio dialogam com o dossiê ao formular uma estética dos rastros em tempos de catástrofe.

Resenha

A floresta que vos fala: vozes Yanomami contra a destruição
JÚLIA SANTANA PARANHOS
403-405
A resenha apresenta a obra como convite a outras leituras da natureza, deslocando categorias ocidentais e utilitaristas do meio ambiente. Ao destacar a noção yanomami de terra-floresta, evidencia cosmologias em que existência, sacralidade e vida são inseparáveis. O texto reafirma a potência política e epistêmica das vozes indígenas diante da devastação e da destruição contemporânea.

Douglas Felipe Gonçalves de Almeida
(Editor do Dossiê – editor da *Cadernos de História*